

política



Repórter Brasília Edgar Lisboa

edgarlisboa@jornaldocomercio.com.br

Medidas de corte de gastos

O pessimismo do mercado e a alta do dólar pressionam o governo federal a se empenhar em uma força-tarefa para anunciar medidas de corte de gastos. O anúncio seria para tentar dissipar o clima de frustração já instalado entre aqueles que esperavam o plano de contenção logo após o término das eleições.

Sacrifício de todos

O plano de controle de gastos do governo é considerado por alguns, como exíguo e insuficiente, sem grandes novidades ou até requeitado, afirmam outros. O que levou o ministro do Trabalho, Luiz Marinho (foto), a lembrar da necessidade do sacrifício de todos.



ANTONIO CRUZ/AGÊNCIA BRASIL/IMAGEM&SOM

Chantagem de mercado

O ministro do Trabalho critica com veemência o que ele chama de “chantagem do mercado”. Disse que, a partir do anúncio do pacote, “um bando de especuladores provoca um desarranjo, um desequilíbrio, vem aumentando, projetando o aumento do dólar, provocando que o Banco Central tenha que aumentar a nova Selic, ou seja, criando outras complicações, do ponto de vista orçamentário da economia brasileira”.

Andar debaixo

“É preciso chamar a responsabilidade de todo mundo, de todos os setores. Esse pacote, portanto, traz sim um sacrifício grande para a classe trabalhadora acostumada ao andar debaixo”, acentuou Luiz Marinho.

Proposta de governo

Questionado como estão as negociações com o Congresso para aprovar o plano do governo, o ministro Luiz Marinho afirmou que: “o governo vai atuar conjuntamente, de forma unitária, em relação à solução apresentada pelo ministro (da Fazenda) Fernando Haddad. É um conjunto de propostas construído para a expansão de todo o governo, portanto é uma proposta de governo liderada pelo presidente Lula”.

Episódio hediondo

O plano para assassinar o presidente e o vice-presidente eleitos e o ministro Alexandre de Moraes, na avaliação do deputado federal gaúcho Bohn Gass (PT), “representa o episódio mais hediondo da história recente do Brasil”. Para ele, “militares de alta patente formaram uma máfia com recursos públicos para conspirar contra a democracia”. O congressista espera que os responsáveis sejam punidos com rigor, sem anistia.

Fetichismo político

O deputado federal gaúcho Maurício Marcon (Podemos) diz que a esquerda desenvolveu o que chama de “fetichismo político”, pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (PL). Na opinião do parlamentar, “essa suposta obsessão, visa a encobrir o silêncio dos apoiadores do governo sobre a crise econômica e as abstenções na Organização das Nações Unidas sobre questões de direitos humanos”.

Líder da oposição

O deputado federal gaúcho bolsonarista Luciano Zucco (PL) concentra esforços na busca de assinaturas para ser o novo líder da oposição na Câmara. Em meio a esse “tsunami” que envolve Jair Bolsonaro, devido ao relatório da Polícia Federal que levou o ex-presidente a um indiciamento, o parlamentar gaúcho ganha musculatura na busca da liderança e já tem mais de 100 assinaturas.

Empregos formais no Brasil

O deputado federal gaúcho Ronaldo Nogueira (Republicanos) destaca o papel das micro e pequenas empresas no desenvolvimento da economia brasileira. Ele enfatiza que “o setor, mesmo enfrentando desafios como altos custos e infraestrutura limitada, é responsável pela geração de mais de 80% dos empregos formais no País”.

Leite diz que Invest RS

Entrevista Especial

Guilherme Kolling, editor-chefe
guilhermekolling@jornaldocomercio.com.br

Grandes montadoras de automóveis do Japão e da China anunciaram investimentos em novas fábricas no interior de São Paulo (Toyota e GWM) e na Bahia (BYD) neste ano. As empresas têm planos de expansão no Brasil e foram visitadas pelo governador Eduardo Leite (PSDB), que liderou missão à Ásia em novembro.

Mirando além da produção de carros elétricos e híbridos, o chefe do Executivo apresentou potenciais de desenvolvimento, buscando atrair investimentos futuros no Estado. Foram conversas iniciais, mas com perspectivas concretas.

No caso da japonesa Toyota, a ideia é a ampliação do Centro de Distribuição já instalado em Guaíba. Com a chinesa BYD, pode vir uma parceria em autopeças e produção de ônibus. E a GWM, que já manifestou interesse em instalar no Brasil um centro de Pesquisa e Desenvolvimento, pode ser parceira na criação de um laboratório de tecnologias voltadas à cadeia do hidrogênio. O chamado combustível do futuro é uma aposta do governo do Rio Grande do Sul e esteve em destaque na agenda da delegação.

Para que o roteiro tenha desdobramentos positivos, será necessário dar continuidade às tratativas, e o governador espera que a recém-criada Agência de Desenvolvimento, a Invest RS, faça esse trabalho de articulação. “Tem que ter o pós-venda”, resume Leite.

Nesta entrevista, concedida na China aos jornalistas que acompanharam a missão – além do **Jornal do Comércio**, Giane Guerra (RBS), Mauren Xavier (Correio do Povo) e Marcelo Ninio (correspondente de O Globo em Pequim) –, o governador também comenta agendas voltadas à resiliência climática e fala sobre sua disposição para eventual candidatura ao Planato em 2026.

Jornal do Comércio – Agendas internacionais são consideradas projetos de longo prazo, especialmente em países como China e o Japão, onde cultivar uma relação de confiança leva tempo. Como dar continuidade no futuro ao que foi plantado aqui na Ásia?

Eduardo Leite – Minha expectativa é poder ter mais efetividade nessas missões a partir da agência de investimentos, de promoção comercial, que acabamos de criar (a Invest RS). O Estado do Rio Grande do Sul não contava com uma agência de desenvolvimento. Os estados têm suas agências, como a Investe São Paulo. A nossa está em fase de estruturação, acabamos de fazer a seleção dos quadros técnicos, tem o presidente (Rafael Prikladnikci) que acompanha essa missão. E é o que estou constantemente demandando. Eu digo: “Olha, tem que ter o pós-venda”. (Aqui na Ásia), você faz contatos, amarra relações e gera interesses.

O Estado pode vir a ter escritório na China, como a agência de São Paulo tem em Xangai?

Leite – Trabalhamos com esta perspectiva, está no horizonte o desenvolvimento de escritórios fora do País. Mas neste momento estamos estruturando o nosso próprio escritório (da Invest RS) em Porto Alegre, (depois) escritório em São Paulo. E vamos avançar, espero que ainda no ano que vem, para ter também escritórios internacionais.

Entrando agora na agenda com as empresas. A chinesa GWM está instalando uma montadora de automóveis em Iracemópolis (SP). E a sua visita na GWM foi mais focada na pauta do hidrogênio. Foi uma abordagem diferente das agendas na Toyota e BYD ou mais ou menos na mesma linha, de apresentar o Estado focando em receber futuramente algum investimento?

Leite – Conversamos com técnicos da GWM, mas especialmente vinculados à FTXT, subsidiária que faz motores movidos a hidrogênio. Foi uma conversa muito positiva, dentro do propósito de forta-

lecer o RS como referência para a produção de hidrogênio. Podemos avançar em uma parceria que envolva desenvolvermos um laboratório de inovação, com produtos relacionados à cadeia do hidrogênio.

Do Estado ou da empresa?

Leite – Não é o Estado fazer (o laboratório), mas fomentar, fazer alguma política, edital em inovação, estimular universidades, para a implantação de um laboratório que possa ter interface com eles aqui na China, para o desenvolvimento de motores e tecnologias relacionadas ao hidrogênio.

E foi uma conversa melhor do que nas outras empresas? Foi com o mais alto escalão...

Leite – Foi uma conversa com o CEO da FTXT e com técnicos. Conseguimos, além de causar boa impressão sobre o Estado, também obter algumas informações importantes sobre os passos que devemos dar para consolidar o RS nessa cadeia. A relação está se estabelecendo, queremos aproveitar o conhecimento deles, nos relacionarmos e obter subsídios técnicos. A partir disso, vamos estruturar uma política, buscar parceiros nas universidades para estabelecer um laboratório de desenvolvimento de produtos e equipamentos relacionados à economia do hidrogênio.

O hidrogênio verde já está na agenda do Estado há alguns anos. Mas ainda é pouco palpável. Depois dessa viagem, o senhor consegue enxergar essa aposta de uma forma mais concreta?

Leite – Consigo. É um assunto complexo, mas saio dessa missão com convencimento de que devemos avançar nessa aposta. É importante separar em duas partes. Hidrogênio como combustível, utilizado em motores para veículos de diversos portes, já é uma realidade.



“Saio dessa missão com convencimento de que devemos avançar na aposta do hidrogênio verde”